

## CAUSAS E CARACTERÍSTICAS

Albuquerque, B. M.\* (1,3), Nunes, S. I. (1,3), Pais, D. M. (1,3), & Soeiro, C. (2,3)

(1) Mestrado em Psicologia Forense e Criminal

(2) Docente e Investigadora da Egas Moniz Center for Interdisciplinary Research (CIEM)

(3) Egas Moniz School of Health & Science, 2829-511 Caparica, Almada, Portugal

### OBJETIVO



O objetivo deste estudo é analisar os traços psicopáticos em crianças, atendendo às suas possíveis causas (pré-natais, biológicas, genéticas e ambientais), bem como compreender quais as características comumente presentes nestes indivíduos.

### ESTADO DA ARTE

#### Conceito de Psicopatia

O conceito de **psicopatia** é bastante complexo, uma vez que, ao longo do seu desenvolvimento, de uma perspetiva científica, sofreu diversas alterações devido às influências de inúmeros autores, gerando, por isso, uma falta de clareza quanto à sua definição (Soeiro & Gonçalves, 2012). Porém, uma das mais utilizadas e influentes é proveniente dos estudos de Hare, tendo este caracterizado a psicopatia como um construto unidimensional composto por 2 fatores que se apresentam correlacionados (Soeiro & Gonçalves, 2012). Fatores estes que, por sua vez, se encontram associados aos aspetos mais clínicos, i.e., às características interpessoais e afetivas e também aos aspetos comportamentais, ou seja, ao estilo de vida antissocial (Soeiro & Gonçalves, 2012). Este conceito abrange ainda uma série de comportamentos desviantes e traços de personalidade que permitem a classificação de um indivíduo como psicopata, devendo o mesmo possuir ambos os tipos de indicadores para ser classificado como tal (Soeiro & Gonçalves, 2012).

A psicopatia é então um construto psicológico (Filho et al., 2009) caracterizado por traços psicopáticos (Tsang & Salekin, 2019) que, por sua vez têm sido definidos como um conjunto de características **afetivas** (e.g. insensibilidade-sem emoções), **interpessoais** (e.g. grandiosidade-manipulação) e **comportamentais** (e.g. ousadia-impulsividade) (Salekin, 2016).

#### Características

Os traços que correspondem à **componente afetiva** dizem respeito a características como uma menor resposta emocional (Kimonis et al., 2006) e indiferença às emoções dos outros (Marsh et al., 2011). Estas, por sua vez, apresentam-se como a falta de empatia e remorso, bem como, emoções de curta duração (Pisano et al., 2017). Os traços relacionados com o **funcionamento interpessoal** correspondem ao narcisismo, i.e., o indivíduo possui características como egocentrismo, arrogância, manipulação e charme superficial (Craig et al., 2021). Por fim, os traços associados à **componente comportamental** correspondem à impulsividade, i.e., tendem a ser pessoas irresponsáveis, potencialmente antissociais (e.g. transgredir as normas sociais com facilidade), propensas ao tédio e à procura de emoções (Pisano et al., 2017). Alguns autores sugerem que estes traços se manifestam de forma semelhante à psicopatia nos adultos (e.g. mentira, manipulação e ausência de culpa (Johnstone & Cooke, 2004). Porém, a maioria dos estudos realizados até ao momento sobre a presença de traços psicopáticos nas crianças apresentam um foco na dimensão afetiva (Gao & Zhang, 2021), i.e., baixos níveis de culpa, empatia e remorso reduzidos, insensibilidade, pobreza na expressão emocional e comportamento indiferente (Salekin, 2017).

#### Causas

De acordo com Blair (2013), as causas para o aparecimento de traços psicopáticos em crianças prendem-se com fatores pré-natais, biológicos e genéticos que, posteriormente, articulados com variáveis socioambientais (e.g. práticas parentais) afetam a probabilidade de surgir um comportamento antissocial.

Relativamente aos **fatores pré-natais**, estudos afirmam que experiências de elevado stress na mãe aquando da gravidez, aparentam estar relacionados com mais comportamentos antissociais e traços psicopáticos nas crianças (Gao et al., 2016).

No que concerne aos **fatores biológicos** e, mais especificamente, aos sistemas neurais, autores afirmam que malformações na amígdala e no córtex pré-frontal parecem ser fatores relevantes para o desenvolvimento de traços psicopáticos (Birbaumer et al., 2005; Martel et al., 2012; White et al., 2012).

Estudos revelam que crianças cuja a ativação na **amígdala** é baixa apresentam uma maior probabilidade de desenvolver traços psicopáticos (Blair, 2013; Lozier et al., 2014). Tal foi demonstrado num estudo de White et al. (2012), no qual os investigadores verificaram que, nas crianças cujo desenvolvimento era normativo, quando expostas a um estímulo passível de provocar medo, haveria uma maior ativação da amígdala, comparativamente a crianças com comportamentos antissociais, em que a ativação era bastante inferior, revelando assim indiferença perante esse estímulo. Verificou ainda que as crianças que apresentaram uma baixa ativação da amígdala revelaram, mais tarde, a presença de traços psicopáticos (White et al., 2012).

No que diz respeito ao **córtex pré-frontal**, a literatura refere que este é responsável por diversas características que nos tornam seres únicos, tais como a autoconsciência, capacidade de planeamento e de resolução de problemas (Gomes & Almeida, 2010).

Deste modo, possíveis malformações nesta área do cérebro poderão comprometer o funcionamento normativo destes indivíduos (Gomes & Almeida, 2010), levando-os a apresentar comportamentos de carácter impulsivo, agressivo e de inadequação social (Yang & Raine, 2008).

A nível da **genética**, foi realizado um estudo com gémeos que concluiu que os traços psicopáticos podem ser hereditários (Viding et al., 2014). Porém, é ainda necessária a realização de mais estudos, com amostras mais abrangentes, de forma a tornar possível a generalização desta associação (Viding et al., 2014).

Quanto às **práticas parentais**, alguns estilos temperamentais característicos dos traços psicopáticos (e.g. desinibição comportamental e ousadia) estão relacionados com problemas no desenvolvimento do construto de consciência que, por sua vez, está muito ligado à culpa e à empatia (López-Camero et al., 2021). O mesmo estudo verificou que as práticas parentais que tenham por base o **afeto** podem ser mecanismos ambientais capazes de provocar mudança nestes traços psicopáticos, apresentados por parte dos filhos, i.e., podem desempenhar um efeito protetor (López-Camero et al., 2012). Neste sentido, parece ainda existir uma **relação positiva** entre experienciar maus-tratos na infância (e.g. abuso físico) e o aparecimento de traços psicopáticos (Ruegg & Fraces, 1995; Schimmenti et al., 2021). Assim, este parece consistir num fator de risco para o aparecimento desta perturbação, uma vez que provoca um défice no desenvolvimento da empatia, moralidade e culpa, características essas representativas da psicopatia (Mead et al., 2010).

#### Instrumento

A **Child Psychopathy Scale - Revised (CPS-R)** é o instrumento que permite avaliar os traços psicopáticos em crianças e adolescentes, recorrendo a inúmeros aspetos da psicopatia e tendo por base a Psychopathy Checklist, que se encontra validada e tem sido geralmente utilizada como forma de medida da psicopatia em adultos (Breux et al., 2020). A CPS-R contém 52 itens de autorrelato, apresentando ainda um formato de resposta dicotómica de 0 e 1, correspondendo a não e sim, respetivamente (Breux et al., 2020).

#### Prevenção e Intervenção

A presença destes traços pode ser considerada um indicador preditivo relevante de comportamentos criminais (Bergström & Farrington, 2022; Lee & Kim, 2022) graves e recorrentes (Colins et al., 2015), sugerindo ainda um risco significativo posterior de agressividade e violência (Frick et al., 2005) i.e., conseqüente reincidência futura (Weaver et al., 2021).

Deste modo, para ser possível prevenir os comportamentos criminais associados a estes traços, é fundamental criar e aplicar programas de intervenção (Reidy et al., 2013) para jovens (Silva et al., 2020), com o objetivo de mitigar estes mesmos traços (Silva et al., 2019; Silva et al., 2020).

Uma terapia mencionada como possível intervenção em casos de jovens delinquentes que apresentem traços psicopáticos é a **Terapia Focada na Compaixão** (Silva et al., 2019; Silva et al., 2020). Esta tem o intuito de promover a motivação compassiva nos indivíduos com o auxílio de um terapeuta como modelo e guia que os ajudará a ultrapassar medos, bloqueios e resistências quanto à compaixão, fazendo simultaneamente emergir os diversos fluxos da compaixão (e.g., ter compaixão por si próprio, pelos outros e receber compaixão dos outros) (Silva et al., 2019). Assim, o estudo de Silva (2019) veio comprovar a eficácia desta terapia ao obter resultados significativos da redução dos traços psicopáticos e comportamentos disruptivos nestes jovens.

### CONCLUSÃO

Em suma, a psicopatia é caracterizada por diversos traços de personalidade, tais como a falta de empatia e a impulsividade, que podem ser identificados numa idade precoce (Salekin, 2017). As suas causas são multifatoriais, podendo estas ser de origem pré-natal, biológica, genética e ambiental, comprometendo a qualidade de vida destes indivíduos (Pisano et al., 2017). Desta forma, é de extrema importância prevenir os comportamentos criminais provenientes da presença destes traços psicopáticos e intervir com o intuito de reduzir o seu impacto (Silva et al., 2020).

Estudos futuros poderão incidir noutras formas de prevenção eficazes, como por exemplo, na redução do stress maternal durante a gravidez (Gao et al., 2016).

#### Contactos:

\*Correspondência para: barbaralbuquerque0@gmail.com

didimcp01@gmail.com

sofianunes889@gmail.com

#### Referências:

